

# humanitas

**Vol. I - Vol. II**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HVMANITAS

VOL. L • TOMO II  
MCMXCVIII

2.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA  
DO DOUTOR JOSÉ GERALDES FREIRE



## O TEMA DE ORFEU EM *MUSA* DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

JOSÉ RIBEIRO FERREIRA  
*Universidade de Coimbra*

Os leitores da obra de Sophia de Mello Breyner Andresen encontram certa familiaridade com a cultura clássica: tratamento assíduo de mitos, figuras, autores e obras do mundo greco-romano ou constantes alusões e referências. A autora cursou Filologia Clássica, não sendo de estranhar, portanto, essa frequente presença dos temas da Grécia e de Roma antigas.

Considera Maria de Fátima Marinho que percorre a obra de Sophia o fascínio pelos deuses greco-romanos, pelos seus defeitos e qualidades, pelos seus contrastes e que o sujeito poético, dividido entre a atracção da Antiguidade clássica e a sua experiência pessoal, «consegue imprimir à sua poesia um cariz a um tempo clássico e moderno, onde a permanente ambiguidade é geradora do trabalho poético»<sup>1</sup>.

O mito de Orfeu é um dos que mais significativa atenção merece a Sophia de Mello Breyner Andresen. Na sua obra poética encontramos nove composições sobre o tema, seis das quais tomando Eurídice como motivo central<sup>2</sup>: três vêm *No tempo Dividido*, duas com o título de “Eurydice” (*Antologia*, p.60 e *Obra Poética* II, p. 12) e a terceira com o de “Soneto a Eurydice” (II, p. 33); outra em *Coral*, com nome de “A Praia Lisa” (I, p. 237); a quinta, que também encima o título de “Eurydice”, em *Dual* (III, p. 104). As restantes quatro que vêm

---

<sup>1</sup> *Poesia Portuguesa nos Meados do Século XX. Rupturas e continuidades* (Lisboa, 1989), p. 183.

<sup>2</sup> As citações são feitas a partir da *Obra Poética* (Lisboa, Caminho, 1990-1991), em três volumes, de *Antologia* (Lisboa, Moraes, 1975) e de *Musa* (Lisboa, Caminho, 1994).



Será este par de jovens «luminosos e muito antigos» símbolo do poeta e da poesia, ou ressoa também no dístico a conclusão da narrativa de Ovídio sobre Orfeu e Eurídice (*Metamorfoses* 11. 63-66)?

Em “Eurídice em Roma” (p. 28), de novo a música, «a voz da flauta», se sobrepõe ao clamor e vozear da cidade. O sujeito poético escuta essa flauta, e «sob a copa dos pinheiros», com os pés leves que nem as ervas dobram», intensa e absorta, Eurídice caminha, já separada.

Por entre o clamor e vozes oiço atenta  
a voz da flauta na penumbra fina

E ao longe sob a copa dos pinheiros  
Com leves pés que nem as ervas dobram  
Intensa e absorta — em se virar pra trás —  
E já separada — Eurydice caminha

Mas aqui quem se vira para trás é Eurídice e não Orfeu. Ou seja, a poesia, subtil e leve, apesar de o sujeito poético ouvir, atento, a música interior da flauta e esta se sobrepor às vozes da cidade, escapa-se e não se deixa apreender: vislumbra-se um lampejo da beleza — o som da flauta —, mas quando se pretende agarrá-la e fixá-la na forma do poema, verificamos que o lampejo se escapara; Eurydice caminhava, «já separada».

Outro poema que tem por pano de fundo o mito de Orfeu intitula-se “Elegia” (p. 41) e nele Eurídice aparece identificada com o sujeito poético. O poema vive do contraste entre o que surge no espírito e a sua realização, entre o sonho e a realidade, entre a lira que, «incessante intensa» vibra e o «desfilar real» dos dias (vv- 7-10), já que

Nunca se distingue bem o vivido do não vivido  
O encontro do fracasso.

O sonho, uma espécie de força impulsionadora que norteia o sujeito, é a cada passo vencido pelas vicissitudes da vida. Não deve por isso cada um sobrelevar as suas capacidades, porque pode capitular no momento da decisão. Encontrar-se-á assim na situação de Eurídice que, no momento de atingir a luz do dia, se viu de novo remetida ao reino das sombras (vv. 3-5):

No instante de dizer sim ao destino  
 Incerta paraste emudecida  
 E os oceanos depois devagar te rodearam

E o sujeito poético, identificado com Eurídice, conclui que não foi diferente o drama vivido por essa figura mítica e por Orfeu: «A isso chamaste Orpheu Eurydice» (v. 6). O poema põe em realce a importância da memória, um motivo recorrente em Sophia de Mello Breyner e na poesia contemporânea. Quando essa lira vibra e o canto se ergue — e de novo o motivo da lira e do canto nos surge —, quem se lembra do passar do tempo (v. 11), «do fino escorrer da areia na ampulheta»? Efeitos de Orfeu, da sua arte. Então o passado ocorre ao espírito e (vv. 13-14)

..... a memória sequiosa quer vir à tona  
 Em procura da parte que não deste

Vejamos na íntegra o poema, em que deparamos com aliterações nos versos 5, 7, 8, 9, 11, 14:

Aprende  
 A não esperar por ti pois não te encontrarás

No instante de dizer sim ao destino  
 Incerta paraste emudecida  
 E os oceanos depois devagar te rodearam

A isso chamaste Orpheu Eurydice —  
 Incessante intensa lira vibrava ao lado  
 Do desfilar real dos teus dias  
 Nunca se distingue bem o vivido do não vivido  
 O encontro do fracasso —  
 Quem se lembra do fino escorrer da areia na ampulheta  
 Quando se ergue o canto  
 Por isso a memória sequiosa quer vir à tona  
 Em procura da parte que não deste  
 No rouco instante da noite mais calada  
 Ou no secreto jardim à beira rio  
 Em Junho

A memória que invoca ou faz apelo aos eventos encerrados no tempo, essa «memória sequiosa» que procura a parte que a poesia / Eurídice ainda não deu. Portanto a poesia é memória. Diz-nos Sophia num poema de *No Tempo Dividido*:

Intacta memória — se eu chamasse  
 Uma por uma as coisas que adorei  
 Talvez que a minha vida regressasse  
 Vencida pelo amor com que a lembrei<sup>5</sup>

É por isso que a memória sequiosa do sujeito poético pode procurar o que Eurídice ainda não deu, no «instante da noite mais calada» ou num «secreto jardim à beira rio»: o silêncio da noite como momento mais adequado para o encontro do eu poético consigo e com a sua inteireza. Expressa-o bem o poema “Penélope” (*Obra poética* I, p. 226) — já analisado por mim no trabalho «O tema de Ulisses em cinco poetas portugueses contemporâneos»<sup>6</sup> —, poema esse incluído na colectânea *Coral* (1950), um livro em que, como acontece com *Poesia* (1944) e *Dia do mar* (1947), domina a nostalgia e o desejo do regresso à natureza com a quase ausência da problemática das relações humanas<sup>7</sup>. A composição em que se verifica uma identificação do eu poético com Penélope, parte do episódio da teia, interiorizando o motivo do tecer e desfazer para problematizar a própria identidade. Eis o poema:

Desfaço durante noite o meu caminho.  
 Tudo quanto teci não é verdade,  
 Mas tempo, para ocupar o tempo morto,  
 E cada dia me afasto a cada noite me aproximo.

Assim a azáfama e lides do dia dispersa e afasta de si mesmo o eu poético, enquanto o silêncio da noite, que traz a reflexão, pela evocação e apelo aos eventos passados, o reconduz à interioridade e lhe devolve a autenticidade. O perigo é a falta de atenção: passar sem ver as coisas simples<sup>8</sup>.

<sup>5</sup> *Obra poética* II p. 264.

<sup>6</sup> *Máthesis* 5 (1996), p. 456.

<sup>7</sup> Vide Silvina Rodrigues Lopes *Poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen* (Lisboa, 1989), p. 18.

<sup>8</sup> Vide Silvina Rodrigues Lopes, *Poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen* (Lisboa, 1989), p. 31.

A este propósito de regresso à natureza, da busca por parte da memória do que Eurídice ainda não deu, transcrevo o que a própria Sophia afirma na “Arte poética I” (III, p. 94):

Esta é o reino que buscamos nas praias de mar verde, no azul suspenso da noite, na pureza da cal, na pedra polida, no perfume do orégão. Semelhante ao corpo de Orfeu dilacerado pelas fúrias este reino está dividido. Nós procuramos reuni-lo, procuramos a sua unidade, vamos de coisa em coisa.<sup>9</sup>

A presença de Orfeu e Eurídice em Sophia de Mello Breyner Andresen oferece mais um exemplo da permanência da cultura greco-latina nos dias de hoje e mostra como continua uma herança comum e um traço de união de todos os países que compartilham a tradição europeia ou cristã. Muitos desses valores, bebidos e inspirados na Antiguidade Clássica, enformam ainda hoje a cultura ocidental<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Do tema em Miguel Torga, Gomes Ferreira e Sophia de Mello Breyner tratou com finura e algum desenvolvimento M. H. da Rocha Pereira em “Os mitos clássicos em Miguel Torga” e “Os motivos clássicos na poesia portuguesa contemporânea: o mito de Orfeu e Eurídice” (in *Novos Ensaios sobre temas clássicos na poesia portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1988, pp. 295-298 e 303-322, respectivamente). Para uma análise mais pormenorizada, para eles remeto.

<sup>10</sup> H. Last, “Ancient history and modern education”, *PCA* 47 (1950) 14-20.